

Sonoridades e ruídos do funk brasileiro O pensamento negro radical como lente analítica ¹

Renan Colombo SIMÕES²

Tobias ARRUDA QUEIROZ³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

Tendo como vetor o recorte midiático de sites estrangeiros que divulgaram artistas do funk brasileiro fora do *mainstream*, analisa-se como a sonoridade e seus elementos sinestésicos dialogam com o Pensamento Negro Radical (Moten, 2023; Hartman, 2022) e pode nos apresentar um agenciamento negro em suas formas de criação. Metodologicamente nos apoiamos na Escuta Conexa (Arruda Queiroz, 2024; Janotti Jr e Queiroz, 2021; Janotti Jr, Queiroz, Pires, 2023), e na Gira Midiática (Costa, 2024; Costa, Queiroz, 2024). Observa-se expansão estética e sonora do funk, obstaculizando movimento de apropriação do gênero, como também, uma radicalização e apropriação da atmosfera da violência estatal para corpos negros.

PALAVRAS-CHAVE

Funk; Escuta Conexa; Gira Midiática; Pensamento Negro Radical

INTRODUÇÃO

Em julho de 2023 tive⁴ a grata surpresa de conhecer o álbum “Pânico no Submundo”, do paulista DJ K, através de uma resenha do americano Pitchfork Media, que lhe concedeu a nota 7,9 (muito boa para o padrão do site). Este registro é uma pancada de sons pesados, bem característicos do que se convencionou chamar de um funk brasileiro não

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Licenciatura em Música da UERN, email: renancolombo@uern.br

³ Professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Direitos Sociais da UERN, email: tobiasqueiroz@uern.br

⁴ Por questões estilísticas e por defendermos uma caligrafia de pesquisa que possa protagonizar as nossas subjetividades, optamos em manter os verbos na primeira pessoa do plural.

mainstream. Ele foi lançado pela Nyege Nyege Tapes⁵, uma gravadora da Uganda que aborda música experimental/ eletrônica de artistas africanos e música afrodiaspórica.

A primeira faixa dá o tom geral do álbum: som alto e distorcido, putaria heterossexual, ritmo frenético, bitonalidade e politonalidade, com timbres distintos do convencional, enxurrada de intervenções sonoras e significados, ou seja, temos várias viradas musicais surpreendentes. Curiosamente, esse álbum aparece na lista de Melhores Álbuns Nacionais do site Música Instantânea, na modesta posição 41.

Ainda em 2023, também via Pitchfork Media, outra grata surpresa: o álbum “Sexta dos crias” (2023), do carioca DJ Ramon Sucesso, lançado pela gravadora brasileira Lugar Alto; este recebeu do site a nota 7,7. Diferente do DJ K, que trabalha composições originais, DJ Ramon Sucesso revisita músicas antigas através de um caleidoscópio ruidoso e anárquico, em dois sets ininterruptos de DJ, além de atuar como um mestre de cerimônias visceral. É um registro bem festivo, engraçado e ruidoso. A impressão geral é a de estarmos diante de paredões de som com alguns alto-falantes danificados e/ou que não suportam o sinal sonoro enviado; ainda assim, o ritmo e o fluxo são contagiantes, e transformam-se automaticamente em um convite para a escuta, até que Ramon Sucesso anuncie o fim da festa.

“Sexta dos crias” está na posição 81 de Melhores Discos do Ano do Boomkat, que aborda a música underground/ experimental/ eletrônica de diversos países. O segundo álbum, dessa mesma lista, também é brasileiro e de funk! Além disso, eles abriram uma grande exceção ao inserir nessa lista (de Melhores Discos de 2023) um disco que só sairia oficialmente em março de 2024! Trata-se de “Queridão”, do mineiro DJ Anderson do

⁵ Nyege nyege, traduzindo da língua suaíli de uganda, “é aquela vontade impulsiva e incontrolável de dançar ou se mexer”. Disponível em <https://volumemorto.com.br/musica-eletronica-africana-entrevista-nyege-nyege-tapes/>, último acesso em 16 de julho de 2024.

Paraíso, também lançado pela ugandense Nyege Nyege Tapes, e que foi também resenhado pela Pitchfork Media, recebendo a nota 7,8. As temáticas das letras são as mesmas dos dois álbuns anteriores, mas o som, ao invés de caótico, é introspectivo, sombrio, pontilhista e permeado pelo silêncio; o choque entre a sonoridade e o teor das letras é impactante, e cabe também ressaltar um maior protagonismo feminino entre os MCs. Esses três álbuns acabam, de certa forma, oxigenando a sonoridade do funk, bem como auxiliam a amplificar o interesse por este gênero fora do Brasil.

Tendo como vetor esse recorte midiático, a partir de sites estrangeiros sobre funks brasileiros que não circulam no *mainstream*, buscamos analisar como a sonoridade e seus elementos sinestésicos dialogam com o Pensamento Negro Radical e pode nos apresentar um agenciamento negro autônomo em sua forma de criação.

Metodologicamente nos apoiamos em duas linhas de análises distintas, porém dialogantes entre si, que é a Escuta Conexa (Arruda Queiroz, 2024; Janotti Jr e Queiroz, 2021; Janotti Jr, Queiroz, Pires, 2023), como também a Gira Midiática (Costa, 2024; Costa, Queiroz, 2024), para investigar, a partir das lentes do Pensamento Negro Radical, (Moten, 2023), como é agenciada a corporeidade e, principalmente, a sonoridade negra nestes trabalhos, que a priori não se limitam a responder à violência colonial.

ESCUA CONEXA E CORPOREIDADE NEGRA

No mais recente trabalho de Fred Moten publicado no Brasil (2023), há um comentário do autor estadunidense sobre a escrita e a presença de Saidiya Hartman no seu repertório intelectual. Moten, logicamente, em nenhum momento oculta a influência do trabalho de Hartman para o desenvolvimento da sua perspectiva de performances pretas. Pelo contrário, ele abre diálogos sobre os jogos duais performáticos de “olhar e ser olhado, espetáculo e espectador, desfrutar e ser desfrutado” (2023, p. 27), ao que

Saidiya Hartman nomeia esse movimento de “economia de hipervisibilidade”.

Nessa perspectiva, Hartman busca dialogar com o escritor Frederick Douglass através do texto o “espetáculo terrível”, onde houve uma introdução, do então jovem Douglass, ao mundo da escravidão, ao ser obrigado a assistir a um açoitamento da sua Tia Ester.

Aqui habita um ponto paradoxo: Onde se é necessário realizar o registro de tal violência para que evitemos sua repetição, também abre margens para descrever a desumanização de uma pessoa negra e fazer coro a cenas congêneres veiculadas comumente nas mídias. Ou seja, Fred Moten (2023), opta por não descrever tal cena, por acreditar que “ao invés de incitar a indignação, muitas vezes elas nos enclausuram na dor em virtude da sua familiaridade (...) e especialmente porque reforçam o caráter espetacular do sofrimento preto” (p. 29).

A celebração da vida afrodiaspórica, como a presenciada nestes trabalhos, visa exatamente romper com estes estigmas, abrindo margens para o rompimento da clausura implementada pela força hostil do racismo. Numa leitura extremamente perspicaz Frantz Fanon (2008, p. 190) consegue apontar para a psicopatologia presente no mundo da pessoa branca, para ele: “A desgraça do homem de cor é ter sido escravizado. A desgraça e a desumanidade do branco consiste em ter matado o homem em algum lugar”.

O que podemos observar nessa perspectiva fanoniana é a afirmação do corpo negro como um corpo fixado na zona do não-ser, porém, traz um adendo valioso ao identificar a patologia da pessoa branca totalmente imbricada nas relações sociais. Em outras palavras, o modelo escravocrata não só deixou marcas no povo negro, mas como também modificou a forma de como a pessoa branca vê o mundo e o outro.

CONSIDERAÇÕES

A partir da Escuta Conexa (Arruda Queiroz, 2024; Janotti Jr e Queiroz, 2021; Janotti Jr, Queiroz, Pires, 2023), observamos em entrevistas, resenhas críticas e nas análises das sonoridades existentes nas obras escolhidas, como o funk consegue se repaginar e amplificar sua proposição estética. A escolha dessas obras deve-se também ao fato das mesmas serem protagonistas do chamado “funk bruxaria”⁶, o qual tem como característica principal uma sonoridade que dialoga com gêneros de origem europeia e estadunidense, trazendo à tona um cenário de terror.

A partir da resenha positiva do trabalho de DJ K na Pitchfork Media, por exemplo, ao mesmo tempo em que chamou a atenção da mídia, traz à tona também essas características sonoras. A “existência de uma sonoridade alimentada pela euforia”, como afirma o próprio artista⁷, é uma radicalização a atmosfera da violência estatal constante nos bailes funks. Outro elemento apontado na resenha discorre sobre a organicidade das sonoridades, distantes, por exemplo, das tentativas de apropriações sonoras do gênero musical, como as realizadas por Drake e Diplo.

Pânico no Submundo disponibiliza uma emocionante introdução a uma cena amplamente dominada por singles individuais e músicas soltas do SoundCloud, mas não sacrifica nada de sua especificidade cênica ou experimentalidade do dedo médio. Esta não é uma playlist do Baile Funk 101 com curadoria de estranhos; é uma transmissão direto das favelas. PANICO NO SUBMUNDO explode alegremente qualquer convenção em seu caminho, enquanto DJ K cria um som cyberpunk audacioso a partir dos escombros que foram deixados para trás⁸ (Smith,

⁶ Mais detalhes podem ser acessados no documentário “Terror Mandelão”, produzido por “Pó de vidro” e “O volume morto”, este último tem o pesquisador, jornalista e doutorando da UFPE, GG Albuquerque à frente do site.

⁷ Fonte: <<https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/dj-k-funk-heliopolis-panico-no-submundo-novo-album>>, último acesso em 9 de julho de 2024.

⁸ Tradução livre: “As a compilation, PANICO NO SUBMUNDO offers a thrilling introduction to a scene largely dominated by individual singles and SoundCloud loosies, but it doesn’t sacrifice any of its scenic specificity or middle-finger experimentality. This isn’t a Baile Funk 101 playlist curated by outsiders; it’s a transmission straight from the

2023).

Além das contradições e possíveis polêmicas existentes na atmosfera do disco, deve-se destacar o diálogo com o Pensamento Negro Radical (Moten, 2023; Hartman, 2022). A autoafirmação dos desejos, do corpo em sua plenitude eufórica e, principalmente, a ressignificação do terror causado pela perseguição policial do estado é um autoagenciamento que oxigena o gênero musical transmitindo uma fruição estética única a partir das periferias de São Paulo, habitat do funk bruxaria. Assumir como proposta estética o mal estar civilizatório racista do estado, e não ser refém do mesmo é radicalizar-se e também de se autoafirmar em toda sua plenitude e existência.

REFERÊNCIAS

ARRUDA QUEIROZ, T. Teresa Cristina e suas lives - sobre modos de ver e tornar-se negra. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 15, n. 43, 2024. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1476>. Acesso em: 28 jun. 2024.

COSTA, Luane Fernandes. **Performatividades ritualísticas das ialodês nos videoclipes da música afro-brasileira contemporânea**. Orientador: Daniel Rodrigo Meirinho de Souza. 2024. 129 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

COSTA, Luane; QUEIROZ, Tobias Arruda. MAJUR DOS SANTOS: a gira midiática por meio do Pensamento Negro Radical. In: **ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2024, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

JANOTTI JR, J.; QUEIROZ, T. A. Deixa a gira girar: as lives de Teresa Cristina em tempos de escuta conexa. **Galáxia** (São Paulo), n. 46, p. e50973, 2021.

JANOTTI JR, J.; QUEIROZ, T. A.; PIRES, V. **Deixa a gira girar: corporeidades**

favelas. PANICO NO SUBMUNDO gleefully blows up any convention in its path, as DJ K engineers an audacious cyberpunk sound from the rubble that's left behind”.

musicais em tempos de escuta conexas. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2023.

JANOTTI JR, J.; QUEIROZ, T. A.; PIRES, V. DE A. N. Um Corpo Resistente: a gira poética de Giovani Cidreira. **Revista Trilhos**, v. 3, n. 1, p. 174–193, 17 nov. 2022.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas Rebeldes, belos experimentos**: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

MOTEN, Fred. **Na Quebra**: a estética da tradição radical preta. São Paulo: Crocodilo: n-1 edições, 2023.

SMITH, Nadine. The São Paulo producer pushes Brazilian funk to horrorcore extremes, colliding Lil Uzi Vert and Halloween samples into a dizzying metallic symphony. **Pitchfork**, 2023. Disponível em <https://pitchfork.com/reviews/albums/dj-k-panico-no-submundo/>. Último acesso em 9 de julho de 2024.